

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

A Crítica

Class.:

Amazônia Geral

Data

06/02/93

Pg.:

60

Ligação da bacia amazônica ao Prata: sonho de 200 anos

Hamilton Cidade

Uma epopéia vivida há mais de duzentos anos, através de estudiosos, aventureiros e caravaneiros desbravou a região dos Parecis e sugeriu ao governo de então a ligação das bacias hidrográficas do Amazonas e do Paraguai através de dois minúsculos subafluentes de seus colossais emaranhados hídricos, o Alegre e o Guapapé, o primeiro afluente do rio Guaporé (Amazonas) e o último pertencente a bacia do rio Paraguai despejando suas águas no Jaraú, também inexpressivo tributário da massa fluvial que irá no sentido sul integrar o estuário do Prata. Nossos ancestrais já sonhavam com um pequeno canal unindo os rios Alegre e Guapapé tornando contínuas as águas das bacias do Amazonas e do Paraguai. Vejamos:

Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista e pesquisador, no final do século dezoito, a serviço da coroa portuguesa inventariou grande parte das potencialidades do misterioso reino das guerreiras Amazonas. A "Expedição Filosófica", compunha-se de dezenas de galeotas, integrando-a centenas de índios, desenhistas, religiosos, escreventes, naturalistas, estudiosos e curiosos. Subiram o rio Amazonas e conheceram seus principais afluentes. Porém, entretanto, nos deter no trabalho realizado no "Vale do Rio Ma-

deira", compreendendo suas baixa, média e alta regiões, que àquela altura serviam de ponte entre o norte e o centro-oeste brasileiros, pontificando a cidade de Vila Bela nos confins do rio Guaporé, área que se rivalizava em riquezas e preciosidades com o propalado eldorado nas vizinhanças da afamada Potosi nas terras espanholas do Peru, fato que desinteressava os colonizadores do país andino pelas especiarias da região da canela nos séculos XVI e XVII, mediante informações de Francisco Orelana na sua descida pelo Mar Dulce.

A expedição filosófica era comandada por Alexandre Rodrigues Ferreira, e, ao adentrar o delta do maior dos afluentes do Amazonas, constatou que o rio Madeira, merecia o nome que lhe batizara o introdutor do café em nossa região, Francisco de Melo Palheta, pois, antes dele, o rio era conhecido por "Caiary", que significa cedro. E, por conter excessiva quantidade de tronqueiras e galhadas de buíva, proporcionalmente, maior aos demais rios da bacia, mereceu, inicialmente, o nome de Rio das Madeiras. A expedição filosófica encontrou nas margens do rio apenas a vila de Borba (ex-Trocão) e as freguesias de Rosarinho, Sapucaioroca, Foz do Aripuanã, Baetas, Cratos, Santo Antonio e Vila Bela pois àquela altura inexistiam as cidades de Manicoré, Humaitá, Nova Olinda e Novo Aripuanã. As

duas primeiras surgidas em 1878 e 1980 respectivamente e as duas últimas na década de cinqüenta do século em curso, isso sem falar em Porto Velho que teve grande impulso quando da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré:

O Madeira é um rio internacional, recebendo águas do Madre de Deus procedente do Peru, do Beni e Mamoré oriundos da Bolívia e, finalmente do brasileiro Guaporé com nascedouro na Chapada dos Parecis no vizinho Estado do Mato Grosso a poucos quilômetros do rio Guapapé, tributário do Jaraú, um dos formadores do rio Paraguai. Local, que àquela altura os desbravadores sonhavam com um canal ligando o Guaporé ao Paraguai através de seus nascedouros Alegre (Guaporé) e Guapapé (Paraguai).

Dos grupos indígenas, os caripunas no alto-Madeira impressionaram os caravaneiros pelo líquido anestésico que usavam na ponta de suas flechas, os torás e anicorés, no médio-Madeira pela coragem e os muras no baixo-Madeira pela destreza no manejo do remo, indiscutivelmente, os melhores remadores da região.

Alexandre Rodrigues Ferreira, o primeiro a elaborar um mapa oficial da região, considerou: baixo-Madeira, do delta ao rio Aripuanã; médio-Madeira da foz do Aripuanã à cachoeira de Santo Antonio e, alto-Madeira desta ao nascedouro, após percorrer 37.372 quilômetros da bacia amazô-

ca de 1783 e 1792. A epopéia entretanto encerrou-se nas cabeceiras do rio Alegre, sinuoso afluente do Guaporé, frustrando os desbravadores quando de uma possível ligação com o rio Paraguai que os levaria ao espetáculo do Prata. A realização deu-se através de outras expedições usando atalhos terrestres entre os rios Alegre e Guapapé. A navegabilidade do Madeira é viável até a cachoeira de Santo Antonio, a primeira muralha aquática. Os degraus encachoeirados foram também estudados pela expedição filosófica, quando o represamento foi desaconselhado, pois para o nivelamento com as demais quedas d'água necessitaria de uma muralha de mais de cem metros de altura e a navegação continuaria bloqueada entre os alto e médio Madeira. Foi sugerido um varadouro entre a primeira e última cachoeiras. O sonho realizou-se nas primeiras décadas de nosso século, com a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, enquanto a ligação fluvial, também sugerida pela expedição filosófica, entre os rios Alegre e Guapapé continua no ideário dos estrategistas. Talvez, com a operacionalização do Mercosul em 1995, o sonho da expedição de 1792 se concretize e o intercâmbio comercial entre a geopolítica amazônica e os países consignatários do Mercado Comum se torne realidade no simples encontro das águas das bacias do Amazonas e Paraguai.